

FAAT – FACULDADES ATIBAIA

JULIANE FÁTIMA PEREIRA

**O FENÔMENO TRANSFERENCIAL NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO**

Atibaia – SP

2017

FAAT – FACULDADES ATIBAIA

JULIANE FÁTIMA PEREIRA

## **O FENÔMENO TRANSFERENCIAL NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, da FAAT – Faculdades Atibaia, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Antônio Fiamenghi Junior.

Atibaia – SP

2017

Pereira, Juliane Fátima  
P492f O fenômeno transferencial na relação professor - aluno. /  
Juliane Fátima Pereira, - 2017.  
24 f.; 30 cm.

Orientação: Geraldo Antônio Fiamenghi Junior

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdades Atibaia,  
como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da  
Faculdades Atibaia, 2017.

1. Psicanálise 2. Transferência 3. Aluno 4. Professor 5. Educação I. Pereira,  
Juliane Fátima II. Fiamenghi Junior, Geraldo Antônio III. Título

CDD 150.195

JULIANE FÁTIMA PEREIRA

**O FENÔMENO TRANSFERENCIAL NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Trabalho apresentado como exigência para conclusão do Curso de Psicologia, pelo Professor responsável. Dr. Geraldo Antônio Fiamenghi Júnior, que, após sua análise, considerou o trabalho \_\_\_\_\_, com conceito\_\_\_\_\_.

Atibaia, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

---

Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Júnior

Atibaia – SP

2017

## **AGRADECIMENTOS**

É com grande felicidade que venho agradecer àqueles que se fizeram presentes em minha vida, direta ou indiretamente, e tiveram influência em minha jornada durante esses cinco anos.

Agradeço, sobretudo, a Deus, por ter me dado toda a força e coragem que necessitei, até o fim;

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim;

A todos os meus amigos, que me acompanharam a cada passo dessa etapa, me incentivando e nunca me deixando desistir;

A todas as instituições e profissionais que contribuíram para o meu aprendizado, inclusive à FAAT, com todo o seu corpo docente, direção e administração;

A todos os professores que pude ter o privilégio de conhecer durante toda a minha vida, principalmente àqueles que me orientaram e ampararam em diversos momentos;

E, por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente ao meu orientador e professor, Geraldo Fiamenghi, que forneceu uma das experiências mais ricas que pude ter durante esse curso. Professor, obrigada pela sua enorme paciência e orientação, em cada e a todo momento, principalmente nos mais difíceis.

*É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas ou a personalidade de nossos mestres.*

*Sigmund Freud*

PEREIRA, J.F. **O Fenômeno Transferencial na Relação Professor–Aluno.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Psicologia, FAAT, Atibaia, 2017. 24 p.

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão teórica que abordasse o papel do fenômeno transferencial – a transferência – em meio à relação formada entre professor e aluno e, então, compreender qual a sua importância na aprendizagem. A partir de referenciais psicanalíticos, partindo de Sigmund Freud até autores mais atuais, foi possível buscar compreender tal fenômeno e como ele se dá nesse contexto e, também, visualizar a importante relação entre a Psicanálise e Educação.

*Palavras-chave:* Psicanálise, Transferência, Aluno, Professor, Educação.

PEREIRA, J.F. **Transference Phenomenon in Teacher-Pupil Relationship**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Psicologia, FAAT, Atibaia, 2017. 24 p.

## **ABSTRACT**

This research aimed to develop a theoretical review on the role that transference phenomenon – the transference – in the relationship constituted between teacher and pupil and, from there, to understand its importance in learning. Stemming from Psychoanalytical theorists, from Sigmund Freud to nowadays authors, it was possible to understand that phenomenon and how it develops in that context and also to visualize the important connection between Psychoanalysis and Education.

*Keywords:* Psychoanalysis, Transference, Pupil, Teacher, Education.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	<b>6</b>
<b>Abstract</b>	<b>7</b>
<b>I. Introdução</b>	<b>9</b>
<b>II. Objetivos</b>	<b>10</b>
<b>III. Método</b>	<b>11</b>
<b>IV. A Transferência</b>	<b>12</b>
<b>V. Educação e Psicanálise – A Transferência na Relação Professor-Aluno</b>	<b>17</b>
<b>VI. Considerações Finais</b>	<b>21</b>
<b>Referências</b>	<b>23</b>

## **I. INTRODUÇÃO**

Este trabalho originou-se das inquietações vivenciadas a partir de um estágio de observação, para tentar entender melhor os aspectos envolvidos na dinâmica escolar, buscando investigar e compreender a relação transferencial estabelecida no contexto de aprendizagem entre professor e aluno.

Levando em consideração que a transferência é algo que não se pode evitar e está presente no ato de aprender (MONTEIRO, 2002), este trabalho terá como suporte teórico autores psicanalíticos a fim de caracterizar tal processo enquanto busca compreendê-lo dentro da situação professor-aluno e das consequências para a aprendizagem.

## **II. OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a transferência na relação professor-aluno.

### **Objetivos Específicos**

Como objetivos específicos, o trabalho aqui descrito buscará:

- a) Caracterizar a transferência no contexto escolar;
- b) Compreender a importância do professor na situação de aprendizagem.

### **III. MÉTODO**

O método utilizado neste trabalho foi uma revisão teórica referenciada em autores psicanalíticos que embasam a temática descrita.

O trabalho foi realizado em dois capítulos, sendo o primeiro uma conceituação de transferência, a partir da visão freudiana e o segundo, uma discussão da transferência nas relações entre professores e alunos.

#### IV. A TRANSFERÊNCIA

Segundo Freud (1912/2010), o ser humano é influenciado pela ação conjunta de sua disposição inata e pelas influências experimentadas na infância, ou seja, presenciam-se tanto fatores acidentais quanto constitucionais da etiologia.

Nós nos recusamos a estabelecer em princípio uma oposição entre as duas séries de fatores etiológicos; supomos, isto sim, uma regular colaboração de ambas para produzir o efeito observado. [...] [Disposição e Acaso] determinam o destino de um ser humano. ” (FREUD, 1912/2010, p. 134).

Ao citar como exemplo as condições que uma pessoa pode estabelecer ao conduzir sua vida amorosa, sendo estas elaboradas a partir da ação de ambos os fatores citados acima, Freud (1912/2010, p. 135) diz que essa dinâmica pode resultar “num clichê (ou vários), que no curso da vida é regularmente repetido, novamente impresso”. Uma parte desses impulsos libidinais, determinantes da vida amorosa, está dirigida para a realidade, disponível e constituinte da personalidade consciente enquanto outra parte, que “foi detida em seu desenvolvimento, está separada tanto da personalidade consciente como da realidade, pôde expandir-se apenas na fantasia ou permaneceu de todo no inconsciente” (FREUD, 1912/2010, p. 135).

É perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente de prontidão, também se volte para a pessoa do médico. [...] tal investimento se apegará a modelos, se ligará a um dos clichês presentes no indivíduo em questão [...] combina com os laços reais com o médico o fato de nessa inclusão ser decisiva a “imago paterna”. Mas a transferência [...] pode também suceder conforme a imago da mãe, do irmão, etc. (FREUD, 1912/2010, p. 136).

A respeito da conduta adquirida pela transferência, Freud expõe um dos dois pontos especialmente interessantes à figura do analista:

[...] continua sendo um enigma que a transferência nos apareça como *a mais forte resistência* ao tratamento, enquanto fora da análise temos que admiti-la como portadora da cura, como condição do bom sucesso. (FREUD, 1912/2010, p. 137).

Freud (1912/2010, p. 137) considera a transferência como “a mais forte alavanca do sucesso”, mas, em contrapartida, também se torna “o mais poderoso meio de resistência”. No tratamento analítico, em casos de adoecimento neurótico, é observado que o processo chamado de introversão (ou regressão) da libido, que é justificada pela frustração da satisfação em relação ao mundo exterior, é condição regular e indispensável, ou seja,

[...] diminui a porção da libido capaz de consciência, voltada para a realidade, e aumenta no mesmo grau a porção afastada da realidade, inconsciente, que ainda pode alimentar as fantasias da pessoa, mas que pertence ao inconsciente. A libido (no todo ou em parte) tomou a via da regressão e reanimou as imagos infantis. (FREUD, 1912/2010, p. 138).

É no processo terapêutico analítico que haverá, então, a busca por encontrá-la e torná-la acessível à consciência, à realidade. Quando encontradas, através da investigação psicanalítica, as forças responsáveis pela regressão da libido erguer-se-ão como resistências ao processo (FREUD, 1912/2010).

A resistência acompanha o tratamento passo a passo; cada pensamento, cada ato do analisando precisa levar em conta a resistência, representa um compromisso entre as forças que visam a cura e [...] que a ela se opõem (FREUD, 1912/2010, p. 139).

Para Freud (1912/2010), a resistência, desde sua representação no consciente até sua raiz no inconsciente, culmina, em um determinado momento, na sua forma mais vigorosa, que leva o analisando a realizar uma associação considerando-a e fazendo-a aparecer: assim surge a transferência.

Quando algo do material do complexo patogênico se presta para ser transferido para a pessoa do médico, ocorre essa transferência; ela produz a associação seguinte e se anuncia mediante sinais de resistência como uma interrupção, por exemplo. [...] inferimos que essa ideia transferencial irrompeu até à consciência antes de todas as outras associações possíveis *porque* satisfaz também a resistência. [...] Sempre que nos avizinhamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com enorme tenacidade (FREUD, 1912/2010, p. 140).

Ao longo de uma terapia analítica, o analisando percebe que apenas distorcer o material patogênico não é suficiente para impedir sua revelação, assim, busca utilizar-se da distorção que mais lhe é vantajosa, a distorção pela

transferência. Desse modo, pode-se compreender que a transferência pode ser considerada a arma mais poderosa da resistência e que a sua intensidade e duração são consequência e expressão da resistência (FREUD, 1912/2010).

Entretanto, Freud (1912/2010) explica que o fato de o analisando fazer coincidir o objeto dos impulsos afetivos com a figura do médico, ou analista, não possibilita a solução do problema. Ainda segundo o autor, uma dedicada relação afetiva entre ambos pode auxiliar na superação das dificuldades da admissão, ou seja, a transferência também poderia ajudar na confissão, o que leva à dificuldade de se compreender por que a dificuldade, afinal.

Freud (1912/2010), a fim de tentar compreender o uso da transferência como resistência, explica que é necessário, primeiramente, distinguir os possíveis tipos de transferência, *positiva*, como sendo aquela diluída nos sentimentos ternos e amigáveis, capazes de se expressarem na consciência; e, *negativa*, decomposta em formato hostil, que se refere a fontes eróticas; sendo assim, é essencial considerar que todos os “afetos de simpatia, amizade, confiança, etc., [...] ligam-se geneticamente à sexualidade e se desenvolveram, por enfraquecimento da meta sexual, a partir de anseios puramente sexuais”. (FREUD, 1912/2010, p. 142). Após essa distinção, Freud (1912/2010), propõe que a solução para a compreensão acima oferecida é que

[...] a transferência para o médico presta-se para resistência na terapia somente na medida em que é transferência negativa, ou transferência positiva de impulsos eróticos reprimidos. Se “abolimos” a transferência tornando-a consciente, apenas desligamos da pessoa do médico esses dois componentes do ato afetivo; o outro componente, capaz de consciência e não repulsivo, subsiste e é o veículo do sucesso na psicanálise [...] (FREUD, 1912/2010, p. 143).

Freud (1912/2010, p. 143), referindo-se também à obra de Ferenczi, expõe que os resultados atingidos pela psicanálise se basearam, até então, na sugestão, entendendo-a como “a influência sobre um indivíduo por meio dos fenômenos de transferência nele possíveis”. Ainda segundo ele, utilizando-se da sugestão, é possível fazer com que o paciente realize um trabalho psíquico, que resultará em melhoras psíquicas duradouras.

Importante esclarecer, também, que os fenômenos de resistência na transferência se mostram, sim, em outros contextos, além da clínica, como, por

exemplo, em instituições, porém precisam ser contempladas de acordo como são mostradas (FREUD, 1912/2010).

Freud torna a falar sobre a transferência em seu texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1914, em que disserta sobre a *repetição*, explicando a relação entre a *compulsão de repetição* com a transferência e a resistência. Na obra de Roudinesco e Plon (1998), o termo *compulsão de repetição* é definido sendo um “processo inconsciente [...] que obriga o sujeito a reproduzir sequências (atos, ideias, pensamentos ou sonhos), que, em sua origem, foram geradoras de sofrimento, e que conservam esse caráter doloroso” (ROUDINESCO, 1998, p. 670).

Logo notamos que a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente. (FREUD, 1914/2010, p. 201).

Conforme o trecho acima, Freud identificou a permanência da compulsão à repetição de um processo analítico ao outro, e a percebeu como diretamente ligada à transferência. E é “no manejo da transferência” que é possível controlar e transformar a compulsão em motivo para a recordação; e, também, é na transferência que lhe é cedido espaço para se desenvolver e “onde é obrigada a nos apresentar tudo o que [...] se ocultou na vida psíquica do analisando” (FREUD, 1914/2010, p. 206)

Segundo Freud (1914/2010, p. 206), é possível “dar um novo significado de transferência aos sintomas da doença”, se o paciente aderir às condições do tratamento, o que possibilitaria substituir a “neurose ordinária por uma neurose de transferência, da qual ele pode ser curado pelo trabalho terapêutico”. Dessa forma, “a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual de efetua a transição de uma para a outra” (FREUD, 1914/2010, p. 206).

Em 1917, Freud volta a dedicar um capítulo de sua obra *Conferências Introdutórias à Psicanálise* para falar a respeito da transferência. Freud (1917/2014, p. 475), explica que a transferência pode surgir como uma “turbulenta exigência amorosa ou sob formas mais moderadas”, mas isso se dá, pois houve literalmente uma transferência de sentimentos para o médico/analista e não porque o processo terapêutico tenha sido o causador de

tais sentimentos. A terapia analítica, em si, não é capaz de oferecer motivo suficiente para o seu surgimento, sendo ela positiva ou negativa.

Supomos, isto sim, que toda essa disposição para o sentimento provém de outra parte, que ela já estava pronta no doente e, por ocasião do tratamento analítico, é transferida para a pessoa do médico. (FREUD, 1917/2014, p. 475).

Ainda segundo o autor, “a transferência surge no paciente desde o início do tratamento e que, por algum tempo, representa a mola propulsora do trabalho” (FREUD, 1917/2014, p. 475), e enquanto ela atuar em favor da análise, não há necessidade de se preocupar. Entretanto, se passar a torna-se resistência é importante atentar-se a ela.

Como forma de superação da transferência, Freud (1917/2014), propõe que seja mostrado ao paciente que seus sentimentos, sejam eles quais forem, não tem origem na situação terapêutica e nem tem relação com a figura do médico/analista, mas, sim, repetem algo que já ocorreu em algum momento em seu passado.

Desse modo, nós o obrigamos a transformar sua repetição em lembrança. A transferência, que, afetuosa ou hostil, parecia significar a mais forte ameaça ao tratamento, torna-se então seu melhor instrumento, aquele com o qual, podem se abrir os mais cerrados compartimentos da vida psíquica (FREUD, 1917/2014, p. 477).

Para Freud (1917/2014), quando a transferência atinge a devida importância no tratamento, o trabalho que era feito com as lembranças do paciente recua, dando espaço para se trabalhar com uma neurose substituta a anterior, recém-criada e transformada. Desse modo, os sintomas anteriores do paciente deixam seu significado original e adquirem um novo sentido, relacionado diretamente com a transferência.

O domínio sobre essa nova neurose, artificial, coincide com a resolução da enfermidade trazida para o tratamento, com a solução de nossa tarefa terapêutica (FREUD, 1917/2014, p. 478).

## V. EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE – A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

No campo da educação infantil, Freud não desenvolveu ou propôs alguma meta ou patamar de desenvolvimento, nem um padrão de comportamento que a criança deveria alcançar por meio das intervenções de um adulto (LAJONQUIÈRE, 2006). No entanto, não deixou de realizar reflexões importantes a respeito do assunto e que permitiram o levantamento de diversas questões relacionadas à relação professor-aluno, como a importância da transferência nesse contexto.

Em sua obra, Freud refere-se, brevemente, duas vezes à educação como sendo uma das três tarefas impossíveis. A primeira referência, em 1925, no texto *Prólogo à Juventude Abandonada, de August Aichhorn*, Freud, pensando a respeito da aplicação da psicanálise na educação, relata:

Minha contribuição pessoal nessa aplicação da psicanálise foi bastante pequena. Bem no início adotei o gracejo segundo o qual as três profissões impossíveis são educar, curar e governar, e já era suficientemente tomado pela segunda dessas tarefas (FREUD, 1925/2011, p. 314).

Em 1937, em seu texto *Análise Terminável e Interminável*, retorna rapidamente ao mesmo assunto, dizendo:

Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões 'impossíveis' quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo. (FREUD, 1937/1980, p. 161).

Lajonquière (2006, p. 24/25), explica essa impossibilidade, descrita por Freud, apontando que essas são profissões da fala e, portanto, “os resultados sempre deixam a desejar, porque sempre estão aquém ou além do pretendido”. Segundo o autor, a palavra é uma “ferramenta educativa por excelência”, ou seja, sem palavra não pode haver educação.

Nota-se que a Educação e a Psicanálise têm entrelaçado seus saberes a respeito do funcionamento humano desde as reflexões propostas por Freud, embora diversos outros autores tenham contribuído para esse estudo também. Baseando-se nesse teórico específico, Ribeiro e Neves (2006) apontam que a

educação, vista como participante ativa no auxílio ao controle do princípio do prazer através da adaptação à realidade e à sublimação, além de facilitar na movimentação das pulsões, envolve-se com a psicanálise, pois essa, também, teria o papel de reeducar aquilo que escapou à educação.

Entretanto, retomando a referência ao *Prólogo* escrito por Freud, em 1925, Lajonquière, relembra dois assuntos importantes também pensados por Freud.

Primeiro, deixou claro que a psicanálise com crianças não substitui a simples e velha educação de todos os dias [...]. Segundo, deixou claro também que, embora sendo diferentes entre si, a educação e a psicanálise coincidem no “objetivo”. (LAJONQUIÈRE, 2006, p. 22).

Segundo o autor, o objetivo da psicanálise é o de encontrar o sujeito com o desejo e, do mesmo modo, a educação visaria o desejo. “Educar é transmitir marcas simbólicas que possibilitem à criança conquistar para si um lugar numa história, mais ou menos familiar e, dessa forma, poder se lançar às empresas do desejo” (LAJONQUIÈRE, 2006, p.23). Embora ambas possam coincidir, talvez, no objetivo, e tratarem do campo do ser humano, Ribeiro (2014) ressalta que a educação acontece através de uma promoção educativa, enquanto a psicanálise se dá através de uma promoção terapêutica, ou seja, acontecem por meio de diferentes funções.

Kupfer (1995), buscando compreender o que poderia ser a aprendizagem para Freud, disserta sobre o desejo do saber. A criança, frente às angústias geradas pela descoberta da diferença sexual anatômica, é impulsionada a querer saber e isso pode justificar, então, o fato dela realizar tantas perguntas quanto é caracterizada por fazê-lo. E apesar de questionar a todo o momento, está, na verdade, buscando dois porquês fundamentais: de onde viemos e para onde vamos. Segundo a autora, no fim do conflito edipiano é esperado que parte da investigação sexual da criança seja reprimida, ou seja, parte dela é sublimada e então associa-se a pulsões de domínio e a pulsões de ver, transformando-se em pulsão de saber. E como a curiosidade intelectual está filiada à curiosidade sexual, Freud estabelece que a mola propulsora do desenvolvimento intelectual é, também, sexual.

Kupfer (1995), fazendo menção a Freud e Lacan, enfatiza a necessidade de haver um professor, colocado em uma determinada posição, a de sujeito suposto saber, para que o aprendizado se realize. Assim como Ribeiro (2014, p. 25) afirma que “o ato de aprender sempre pressupõe que haja um outro que ensina. Não há ensino, portanto, sem essa presença”.

Um professor é ouvido por seu aluno quando este o reveste com uma importância especial e, devido a isso, o professor passa a ter um poder de influência. Nunes (2004), indo ao encontro a esse pensamento, aponta que o professor representa um lugar idealizado, munido de saber, poder e autoridade, autoridade essa que é concedida ao professor pelo próprio aluno, inconscientemente.

Nessa relação professor-aluno, dentro do entendimento psicanalítico, focaliza-se “o campo que se estabelece entre o professor e seu aluno, que estabelece as condições para o aprender, sejam quais forem os conteúdos” (KUPFER, 1995, p. 85), campo esse nomeado de *transferência*.

Monteiro (2002) explica que o psiquismo humano é originado a partir da falta registrada na castração, onde ocorre um corte na célula narcísica (mãe/bebê) e há a interferência de um terceiro. A partir disso, um novo sujeito nasce, o sujeito desejante, e “só há desejo porque existe falta” (KUPFER, 2009, p.21). Para a autora, a transferência é, portanto, a aposta do sujeito, marcado pela falta, que busca saber sobre o desejo, endereçando-se ao outro e supondo que esse saiba sobre o seu desejo, sobre o que lhe falta, porém, por não haver saber sobre o desejo, todo sujeito será sempre desejante. Ao dirigir-se ao professor, o aluno supõe nele, de forma inconsciente, o saber sobre o seu desejo.

A figura do professor é chamada para ocupar um lugar que vai além da prática pedagógica. O professor, sendo objeto de transferência, suporte dos investimentos e interesses do aluno, representa uma figura substituta às figuras parentais (NUNES, 2004). Segundo Kupfer (2009), o aluno toma o professor no lugar de seus pais, transferindo o amor e a obediência, e por isso aprende.

O desejo inconsciente busca aferrar-se a “formas” [o professor] para esvaziá-las e colocar aí o sentido que lhe interessa. Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo (KUPFER, 1995, p.91).

Conforme menção de Kupfer sobre o desejo de saber estar diretamente ligado à aprendizagem, Nunes (2004) afirma que o conhecimento só é provocado, nessa relação, diante do desejo do aluno, sujeito a quem falta o conhecimento, e do desejo do professor em ensinar. Da mesma forma, Couto (1988) diz que a relação professor-aluno implica no desejo de ambos. Para ela,

O homem real que ensina – o professor (a) – é aquele (a) que sustenta a função de operar a ligação entre o seu próprio desejo de ensinar e o desejo de um outro aprender. O conteúdo entra como “matéria” com a qual se constrói a ponte entre esses dois desejos. A transmissão ocorre na tangência de dois arcos – o que enuncia o desejo de ensinar e o que enuncia o desejo de saber. (COUTO, 1999, p. 168).

O desejo do aluno transfere poder e um sentido singular à figura do professor, que sempre escaparão deste, porém, conhecer como se realiza esse desejo é trabalho do analista. Do outro lado, está o professor, figura “que funciona como mero suporte esvaziado de seu sentido próprio enquanto pessoa” (KUPFER, 1995, p. 92) para receber o desejo transferido. Para o aluno, cabe ao professor suportar esse lugar em que foi colocado.

O bom professor seria aquele, então, dentre outras definições, que suporta a posição em que o aluno o colocou, de objeto, que recebe as fantasias, crenças, valores, idealizações, identificações e projeções de seu aluno (COUTO, 1999).

Diante de tamanho poder, pode-se pensar que se o professor o utilizasse de forma descomedida, poderia subjugar o aluno, impondo seu próprio desejo àquele que movia seu aluno. Dessa forma, encerra-se o poder desejante do aluno e o professor o submeteria à sua figura de mestre. Nesse cenário, o aluno poderia “aprender os conteúdos, gravar informações, espelhar fielmente o conhecimento do professor” (KUPFER, 1995, p. 93), porém não se desenvolveria como um sujeito pensante.

Monteiro (2002) reforça dizendo que por mais que o professor assuma o caráter de sujeito suposto saber, ele também deve abdicar da posição de possuir todo o saber sobre o aluno. Assumindo-se como mediador entre o conhecimento e o seu aluno, possibilitará o aprendizado e a continuidade do desejo de saber.

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi visto, a Educação e a Psicanálise entrelaçam seus saberes sobre o desenvolvimento do ser humano, trilhando um intrincado caminho. Entretanto, apesar do reconhecimento da Educação como ajudante no controle do princípio do prazer, deve-se esclarecer que o professor não é um psicanalista, mas é elemento fundamental para a educação do aluno. Ele não poderá ouvir seu aluno como faz um psicanalista, mas poderá auxiliá-lo a avançar diante de diversas questões que poderão ser encontradas em sua trajetória escolar.

Um professor sensibilizado possibilita espaços para que haja a circulação da palavra, apostando na possibilidade discursiva de seus alunos, favorecendo para que o aluno possa se implicar no seu processo de vir a ser (NUNES, 2004, p.03).

O desejo de saber do aluno se dá na presença da falta na relação professor-aluno e, por sua vez, o professor ocupará o lugar de causa de desejo quando houver a transferência – essa sendo inerente e fundamental em toda relação importante. Ele é convocado a ocupar um espaço que vai além da prática pedagógica.

Como dito anteriormente, o papel do professor seria o de suportar o lugar em que foi posto por seu aluno, esvaziar-se de seu sentido para poder acolher um outro desconhecido. Apesar disso, não se pode esquecer que o professor possui seu próprio desejo inconsciente, verificado, inclusive, diante de sua escolha profissional, pois é esse desejo que justifica sua estada naquela posição frente a seu aluno. Porém, ao alcançar essa posição, retornamos ao fato de que ele precisa renunciar a esse desejo para suportar o de seu aluno, caracterizando, assim, uma tarefa quase impossível.

Esse lugar que é ocupado pela figura do professor, deve ser manejado com cuidado, pois, se ele se colocar como aquele que ‘tudo sabe’, restará ao aluno se submeter como objeto diante desse professor. O educador, em diversos momentos, é aquele que pode exercer uma influência significativa na história de seus alunos, sua palavra pode ter um grande significado no processo educativo.

O ensino, transmitido pela figura do professor, teria por responsabilidade fazer do objeto de conhecimento um mistério a ser desvendado, dessa forma poderia haver a construção do conhecimento.

Se o professor souber transmitir seu conhecimento e permitir que seu aluno se utilize da via da transferência para apreender aquilo que foi transmitido e possui sentido a ele, porém sem renunciar a seus próprios desejos, estará, então, contribuindo para uma verdadeira aprendizagem.

Pela via de transferência, o aluno “passará” por ele, usá-lo-á, por assim dizer, saindo dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse e que constituirá a base e o fundamento para futuros saberes e conhecimentos (KUPFER, 1995, p. 100).

## REFERÊNCIAS

COUTO, M. J. B. D. A Psicanálise escuta a educação. **Estilos da Clínica**, v.4, n.6, p. 165-173, 1999.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). In FREUD, S. **Obras Completas**, v. 10, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise (1916 - 1917). In FREUD, S. **Obras Completas**, v. 13, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 - 1925). In FREUD, S. **Obras Completas**, v. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937 - 1939). In FREUD, S. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 23, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação, o mestre do impossível**, São Paulo: Scipione, 1995.

KUPFER, M. C. M. Amor e saber: a psicanálise da relação entre professor e aluno. In COHEN, R. H. P. **Psicanalistas e educadores tecendo laços**, Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

LAJONQUIÈRE, L. de. Educação, religião e cientificismo. **Educação: Freud pensa a educação**, v. 1, p. 16-25, 2006.

MONTEIRO, E. A. A transferência e a ação educativa. **Estilos da Clínica**, v. 7, p. 12-17, 2002.

NUNES, M. R. M. Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência. **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, v. 5, 2004.

RIBEIRO, M. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação**, n.39, p.23-30, 2014.

RIBEIRO, M. V. M.; NEVES, M. M. B. J. A educação e a psicanálise: um encontro possível? **Psicologia: teoria e prática**, v.8, n.2, p.112-122, 2006.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.